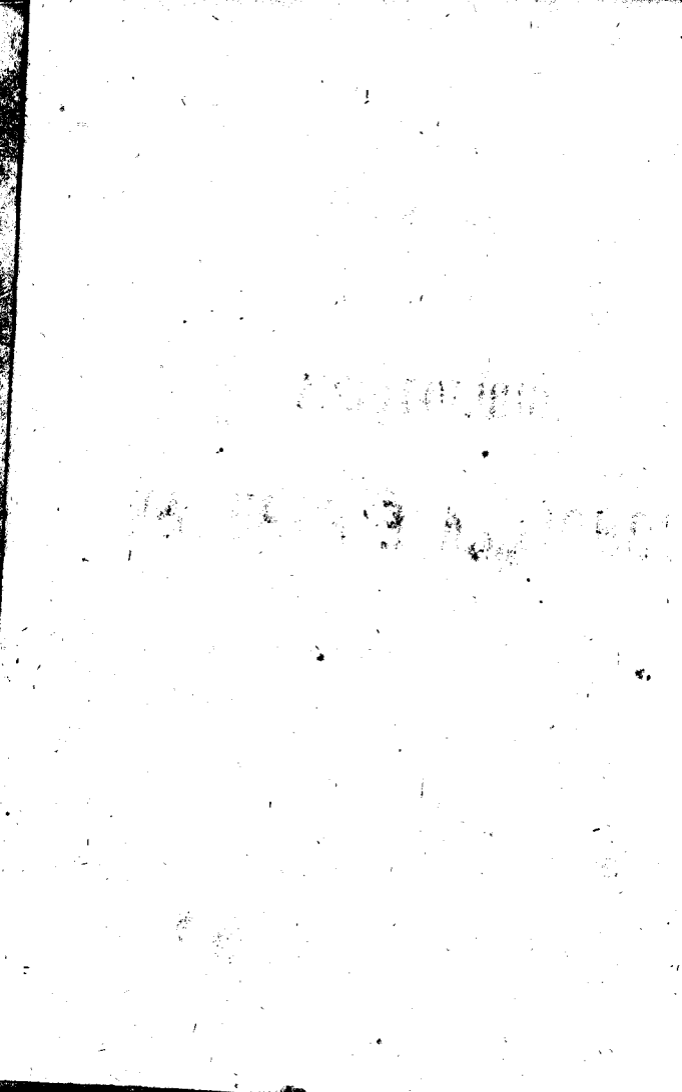






BIBLIOTHECA

ECONOMICA E POPULAR.



Raro.

O ANÃO VERMELHO

NOVELLA RUSSA

POR

Stein de Cury

OCTAVIO FÉRÉ

TRADUÇÃO DE

Jacinto Augusto Xavier de Magalhães.



LISBOA :

TYP. D'AGUIAR VIANNA,

Largo d'Abegoaria n.º 8 e 9.

1859.

THE UNIVERSITY OF CHICAGO

PHYSICS DEPARTMENT

PHYSICS 311

LECTURE 10

UMA NOITE DE DEZEMBRO.

Era em um dos primeiros dias de dezembro de 1825, época memorável em que a Rússia, acabando de perder um dos seus senhores se revoltava com a ideia de se sujeitar ao successor que o defuncto autocrata havia nomeado. Por mais estranhos que parecessem os acontecimentos politicos ás populações escravas dos campos, principalmente nas províncias afastadas de Moscou, comtudo estas não mostravam ignorar o pouco direito desse reinado, revelando o seu descontentamento por meio de

algumas demonstrações revolucionarias ; na sua experiencia secular, sabiam que este acontecimento havia tido uma alta origem, e qual-quer que fosse o seu resultado, fazia com que es servos fossem obrigados a pagar quantias destinadas a reparar os prejuizos feitos nas fortunas dos seus senhores, e as despesas feitas na occasião da elevação ao throno do novo imperador.

Para os servos mescovitas a immobilidade e o entorpecimento são o maior dos bens, estão assim habituados, e desta fórma não fazem mais do que agravar a sua sorte.

Mas os acontecimentos politicos não eram os unicos que contribuiam para fazer deste anno uma epoca calamitosa. Raras vezes o frio se tinha mostrado tão rigoroso, tão persistente, e se havia estendido tanto ao sul do imperio.

Haviam aldeas quasi sepultadas no gelo, e na de Palwrod, do governo de Ekatermoslaw, aonde começa a nossa historia, algumas habitações expostas ao vento do norte estavam quasi neste caso.

Entretanto os trabalhos continuavam e o intendente ou bailio alemão, encarregado da

administração, exigia principalmente nos últimos dias, uma exactidão rigorosa na venda que dois homens da aldea, faziam durante a noite.

Nesta em que fallamos, esta especie de patrulha, a qual só estava armada de paus, era feita por Sergio Kahouski e um dos seus vizinhos. Envolvidos em seus capotes de pelle de carneiro, e com os bonets cobrindo-lhe o rosto, tinham feito o seu giro, e fechado com cuidado as barreiras que terminavam as extremidades da unica larga rua da aldea. Depois pensando gosar uma noite feliz, tinham voltado um para junto de sua familia, e o outro para a sua cabana solitaria, tendo primeiro, como estava ordenado, batido um certo numero de pancodas com os seus paus sobre uma folha de metal suspensa a um poste á entrada da aldea, precaução destinada a fazer ver aos malfeitoses que se guardavam as habitações.

Sergio era ainda solteiro, cousa rara n'este paiz aonde as senhoras apressam o casamento dos servos, ainda os mais novos, a fim de augmentar pela população a sua propria fortuna, que se calcula como se sabe, pelo nu-

mero de escravos. O joven mougick tinha chegado quasi aos vinte annos sem ser obrigado a casar, o que se explica pela circumstancia de ter sido alugado ainda pequeno a um fabricante da cidade vizinha por um prazo expirado sómente alguns mezes antes.

Entrando na aldea, o bailio lhe havia dado uma cabana que estava disponivel, e um pedaço de terreno bastante ruim, porem maior que o dos mais, n'este paiz geralmente esteril. Para completar a sua sorte, o intendente lhe fez finalmente saber que no principio de janeiro desposaria Isabel Yvanowa, favor este grande para elle, porque esta joven era filha de Anna Yvanowa, parteira da aldea, a qual era a mais formosa rapariga da povoação.

Talvez pareça singular que o intendente não exigisse que este casamento se realisasse no espaço de oito dias, como era costume, em lugar de lhes dar tres mezes para se verem e se conhecerem, mas esta reflexão não occorreu ao pensamento de Sergio. A sua residencia na cidade lhe tinha dado uma especie de educação, que o tornava muito superior aos seus companheiros, instrumentos inertes e passivos da vontade do intendente, ministro te-

mível do boyardo, tendo a vantagem n'este espaço de tempo de conhecer se desagradaria ou não á sua desposada, e de sentir por ella uma verdadeira sympathia.

Comtudo, á medida que esta affeição augmentava da parte da Isabel, Sergio mostrava se mais reservado; uma especie de constrangimento succedia aos seus impulsos affectuosos, uma vaga melancolia se divisava em seu rosto, e algumas vezes a sua volta do castello, aonde ia trabalhar para a irmã do conde Miguel Bestoujew, seu mestre, o surprehedia com os olhos arrazados de lagrimas. Mas em vão elle empregava todos os meios de persuasão para descobrir a causa desta tristeza e não a podia descobrir.

Regressando da sua patrulha, Sergio entrou na sua cabana, e acendeu uma pouca de lenha na chaminé feita em fórma de forno, depois deitou-se na cama mesmo vestido.

A mobilia d'esta habitação, que bem depressa ia servir de morada a sua mulher, era muito simples. Compunha-se de uma meza e de um banco ordinario, d'um grande babu que servia de armario o qual guardava algumas tigellas; de uma especie de caixote pre-

gado na parede aonde estavam as provisões, um barril para fazer fermentar a bebida, e de diversos utensilios collocados sobre uma taboa ao longo da parede. Em quanto á cama era feita de palha e estava no fundo da cabana ao lado da chaminé.

E isto era o mais que um pobre servo podia gosar.

Sergio começava a ceder á fadiga, sem se esquecer, no meio da confusão das suas ideas, daquella que sempre o preocupava, quando um ligeiro ruido o dispertou da sua somnolencia; assentou-se na cama estremeccendo, soltou um grito de surpresa, e fez o signal da cruz.

A claridade incerta que se escapava do fogo quasi extincto da chaminé, apercebeu acocorado sobre a terra endurecida da cabana uma creatura informe, fantastica, semelhante a uma appareição infernal.

Em quanto andou com o seu companheiro fazendo a sua ronda, julgando o campo inteiramente deserto, este ser estranho escalava com a maior destreza a barreira da aldeia, atravessava tranquillamente a rua, abria a porta de Sergio fechada no ferrolho, e se assentava

com a maior semcerimonia ao canto da chaminé.

Não era muito facil fazer uma pintura exacta deste individuo porque o clarão avermelhado da lenha que ardia na chaminé reflectindo sobre elle, augmentava mais a difficuldade de o analisar,

Acocorado como estava, não apresentava mais do que a figura de uma bolla, cheia de pelles ruivos e compridos, que nasciam de uma cabeça enorme que nunca tinha conhecido bonet. Não se lhes podia chamar cabellos, mas sim uma guedelha ineulta, aguda aonde a te-zoura nunca tinha tocado. Por baixo viam-se-lhes duas orelhas agudas e chatas. A cabeça bastante larga na parte superior terminava em ponta com uma barba imperceptivel, fendida no lugar da boca por uma abertura escancarada, de onde saíam as extremidades de uns dentes amarellados e agudos como os de um gamo.

Ao grito de Sergio, este monstro levantou-se sobre umas pernas curtas e delgadas, que sustentavam o pezo desmesurado do seu corpo; e estendeu para o lado da cama seus delgados e pequenos braços terminando em duas

mãos cabelludas, armadas de unhas curvas e duras.

O seu vestuário não era menos curioso, o jalleco não era feito de panno grosseiro dos camponeses e dos mendigos, mas sim de panno fino, guarnecido de pelles, deixando ver os alamares, os botões, e os passamanes dourados, tendo bordado sobre as costas um escudo de armas; o calçado era do mais rico e tratado com o maior esmero.

Os seus labios se abriram, e o seu olhar ardente, aonde brilhava uma intelligencia sardonica se fixou sobre Sergio, e respondeu ao seu grito com um guincho agudo, que era a sua maneira de rir.

— Jourôdivoi!... exclamou Sergio aterrorizado.

— Reconheces-me? respondeu o anão com um segundo riso. Boa noite, Sergio Kabovski.

E dizendo isto assentou-se novamente de frente do fogo.

— Que vens tu aqui fazer? perguntou o mougick.

— Venho procurar um homem, replicou o anão, lançando sobre Sergio os olhos scintillantes como carbunculos.

— Não te comprehendo... mas se queres dar-te-hei um bom conselho.

— Tu?... respondeu rindo o anão.

— Jourôdivoi!... eu não te fiz mal algum, rem tenho dito nada que te possa offender; dou mesmo o Ceo por testemunha que se me viesses pedir um favor, eu t'o faria. Mas tu não tens necessidade de um pobre rapaz como eu, a tua sorte depois da do senhor conde, nada deixa a desejar.

— Sim, respondeu o anão com um tom de voz metálica e vibrante, eu goso de alguns privilegios. O senhor é generoso para mim, e poucos bobos tem tido uma sorte tão agradável. Mas que queres tu, Sergio Kahovski, eu vivo tão aborrecido, que me escapei esta noite do castello para te fazer esta visita; e se tu me estimas, eu tambem tenho boas intenções a teu respeito.

Sergio vendo n'esta declaração um certo signal de infelicidade, apesar dos esforços do anão para dar ás suas palavras um tom seguro o amigavel, saltou para fóra da cama e se dirigio por um movimento instinctivo para o *canto vermelho*. Assim chamam os camponezes russos a um canto da cabana pintado de ver-

melho, que ornam de imagens e de ramos bentos e que consideram como inacessível aos malefícios.

Na Russia, paiz cheio de preocupações e de crenças supersticiosas, o povo attribue uma virtude mysteriosa e magica a todos os seres desgraços e com defeitos fisicos ou moraes. Os loucos, os anões, são o objecto de uma attenção particular, e a compaixão que elles inspiram se traduz pelo nome generico que se lhes dá de Jourôdivoi. Perdoa-se-lhes e permite-se-lhes tudo, mas evitam-se porque se teme a sua influencia.

Este que apresentamos aos nossos leitores só no corpo era defeituoso; uma intelligencia perfeita animava o seu cerebro; protegido pelo boyardo, ao qual servia de bobo, não o podiam punir, e assim divertia-se em fazer aos pobres servos certas habilidades que o faziam passar como feiticeiro.

— Vamos, disse elle vendo o movimento de Sergio, conheço que me enganai; julgava que a cidade te havia instruído; na aldeia citam-te pela tua habilidade e sabedoria, e vejo que tu não és o homem que me é necessario...

— Mas enfim, explica-te !...

— Sergio Kahovski, respondeu o anão levantando-se com um ar grave, queres tu ser homem livre, possuir uma grande fortuna e uma mulher que não tenha pertencido a outro antes de ser tua ?...

— Que dizes ?... exclamou o mougik, julgando-se ainda debaixo da influencia do mau sono que havia tido um quarto de hora antes

— Eu te offereço tudo isto, eu, o anão vermelho ! com a condição de que sublevarás os teus companheiros, os teus amigos, todos os habitantes da aldea que teem confiança em ti, os quaes te não resistirão, principalmente se tu lhes offereceres isto !...

E deixou ver um sacco com dinheiro, sobre o qual estava assentado.

— Oh ! isto é um sonho !... uma visão má !... exclamou Sergio na maior agitação !... Mas porque me fazes similhante proposição ?

— Que te importa !... Escravo, não estás tu habituado a obedecer ? Obedece então para a tua liberdade, já que até hoje tens trabalhado para a tua escravidão.

— Mas é uma revolta que me propões, uma revolta contra o meu senhor, de quem unicamente tenho recebido benefícios.

Jourôdivoi soltou ironicamente um dos seus guinchos costumados,

— Porque te ris? tornou Sergio, que a seu pezar estremecia tocado de um mau sentimento.

— Não comprehendes?... respondeu o anão.

N'este momento golpes distinctos ferindo a chapa de metal collocada á entrada da aldeia vieram advertir o mougick que se passava da parte de fóra alguma coisa extraordinaria, e como estivesse de patrulha, não duvidou, apesar da sua repugnancia, ir vêr o que tinha acontecido, levando o pau que lhe servia de arma, para se defender em caso de necessidade.

Mas bem depressa voltou acompanhado de uma mulher idosa, com os cabellos em desordem, olhar espantado, revelando a maior afflicção.

O bobo tinha-se retirado para o fundo da chaminé, e deste observatorio seguia todos os movimentos, e escutava até as meno-

res palavras de Sergio e da sua companheira.

— Vamos, Anna Yvanowa, disse o mougick, socegai, aproximai-vos do fogo, e contaime o que vos aconteceu.

Mas esta ajoelhada no *canto vermelho*, tocou a terra com o rosto, e em seguida fez o signal da cruz por diferentes vezes, exclamando com a voz affogada pelos soluços:

— Santa Maria, mãe de Deus, rogai por mim, perdoai me !...

Auna era mãe da noiva de Sergio; era mulher de grande energia, tinha a profissão de parteira e possuia noções de medicina. Sabia ler e escrever e desempenhava o seu officio com intelligencia. Alem disto era uma mulher séria e discreta, o que tornava n'este momento inexplicavel a sua agitação e o seu delirio.

— Tendes vós commettido algum crime? perguntou Sergio.

— Escuta ! lhe diz ella levantando-se e aproximando-se do camponez com uma gravidade que o encheu de terror; eu tinha partido esta manhã no meu trenó para Isnar, aldea situada a algumas legoas d'aqui. Minha filha mais velha que ahí habita, me havia pe-

dido que levasse por algum tempo os seus tres filhos ainda pequenos para minha casa. Eu podia voltar a bôa hora, mas detida por uma revelação que me queriam fazer e que te diz respeito, ia-se fazendo noite quando me puz a caminho com as tres creanças...

Anna[de]teve-se como se lhe faltasse a respiração; seus labios pallidos e tremulos se agitaram sem que se ouvisse som algum; mas continuou depois de fazer um violento esforço.

— Havia-m'o-nos apenas posto a caminho, quando a obscuridade nos alcançou. Eu fazia correr o meu cavallo o mais possivel, por que me pareceu entrando no bosque que ouvia os uivos dos lobos.... E com effeito assim era! Bem depressa vi saltar um por entre a neve; depois dois, e bem depressa um bando inteiro... elles vinham distante ainda e o meu cavallo fendia o ar sentindo o inimigo. Assim corremos o espaço de uma legoa. Eu apertava contra mim as tres creanças que choravam. De repente vejo que os lobos esfomeados nos alcançavam, um delles ia para se lançar aos peitos do cavallo e os outros rodearam o treno uivando horriavelmente. Eu estava perdida!.... Havia precisão de uma victima!....

— E vós o que fizeste? exclamou Sergio horrorizado.

— Tres vezes estive para ser devorada, respondeu Anna, e comtudo eis-me aqui sã e salva!....

E soltou um riso estridente, terrivel, infernal, ao qual respondeu o guincho do anão escondido na chaminé.

— Assim, diz Sergio espavorido, em vez de serdes a primeira a servir-lhe de pasto, lançastes a esses animaes ferozes os vossos innocentes netos?....

— Sim, eu o fiz, replicou a velha agitando os cabellos grisalhos que lhe caíam sobre os hombros; o cavallo ferido conduziu-me até á barreira aonde tambem morreu Eu quiz viver, e eu só me salvei!....

— Oh! tendes em grande valor essa miseravel existencia, exclamou Sergio affastando-se della com horror. Mas o que pertendeis vós ainda fazer neste mundo!...

Anna estendeu os seus tremulos braços para a imagem da Virgem, e exclamou fixando o seu olhar resolutu sobre o mancebo:

— Vingar-me! e serás tu que me auxiliarás!....

II.

A CEIA DOS BOYARDOS.

Jourôdivoi, ne qual Sergio não pensava, e que se escondia na chaminé enrolado como um ouriço, estendeu-se de repente á maneira de uma mola, e saltou ligeiramente aos pés da velha.

— Muito bem, exclamou elle, eu procurava um homem e a final eu o encontrei !....

— O anão do castello !....

— Eu mesmo, senhora !

— Pobre creatura ! que vens tu aqui fazer ? não sabes que ha funcção no castello, e que precisam de ti para se divertirem á sobre meza ? não te lembras que se ali não te apresentares serás castigado com o chicote ?

— Nada receio, pois esta noite tem outros divertimentos.

E as suas pupillas ardentes se fixaram sobre Sergio, com uma expressão que o penetraram até ao intimo do coração.

— Ah ! vejo que tudo sabes !.... disse a velha fechando as mãos e contrahindo a fronte.

A narração horrivel que ouvimos da boca desta mulher, não é filha da nossa imaginação ; esta desgraçada havia lançado aos lobos os seus tres netos afim de conservar a sua existencia.... Desejava viver e não duvidou comprar a vida tão cara !.... Decifraremos este mysterio na continuação da nossa historia.

Via-se que quando fallava a Jourôdivoi, este não lhe inspirava a impressão supersticiosa que causava a outras pessoas, e antes parecia sentir por elle uma instinctiva compaixão.

— O que te digo é para teu interesse, acrescentou a velha, pois julgo que no castel-

lo estarias melhor do que em casa de Sergio.

— Mas o que, fallavas tu de vingança? perguntou o anão.

— Isso não te diz respeito, meu rapaz... deixa-nos com as nossas lagrimas, e volta para os teus prazeres

— Meus prazeres!.... repetiu elle; eu vim aqui para outra coisa.... Vim offerecera Sergio Kahovski, uma fortuna e uma sorte brilhante....

— Que eu recusarei ainda mesmo que tu tivesses o poder de cumprir as tuas promessas, por que não as poderia obter se não por meio de uma traição contra nosso amo.

— Nosso amo!.... disse a velha rindo.

— Um amo que amas e respeitas infinitamente, ajuntou o anão.

— Eu sou como o cão, amo aquelle que me faz bem! o senhor conde tem-me dispensado do trabalho das suas terras ha perto de seis mezes, augmentou as que cultivo, permitiu-me cortar seis carros de lenha na sua floresta; finalmente prometeu-me a mão de Isabel sem que eu a solicitasse.... e assim recuso a traição que me vindes propor!....

O anão soltou uma das suas mais sar-

cásticas gargalhadas ; Anna Yvanowa passou com raiva os dedos pelos longos cabellos em desordem ; mas Sergio sem attender a estes signaes de colera proseguio :

— Emfim, eu amo o senhor conde, por ser irmão de Alexandra Bestoujew, d'aquella que tanto vós, como todos os que a conhecem chamam o anjo do paiz.

— Tu ha muito tempo que vivias longe d'aqui, replicou Jourôdivof, por isso não sabes o que dizes... Sim, Alexandra é um anjo... mas tem um demonio por irmão !

— E isso que me importa ? replicou resolutamente o mougick, elle tem sido bom para mim ; e se é verdade que exerço alguma influencia sobre os meus amigos, e sobre os habitantes da aldea, não me servirei della senão para sua utilidade e sua defeza !

— Mas de onde nasce a tua colera e o teu rancor contra teu amo ? perguntou a velha ao anão.

— Anna, respondeu o bobo dilatando as ventas e subindo-lhe a côr ao rosto ; tu que tens assistido ao nascimento de todos os rapazes d'esta aldea, poder-me has dizer quem foram meus pais ? quaes são os parentes do louco do castello ?...

— Por todos os santos do paraíso, respondeu a velha; eis uma pergunta, á qual eu não posso responder sem me condemnar.

— Pois bem, continuou o anão, eu não preciso da tua confissão, pois sei o nome de meu pai!... E agora surprehender-te-ha ainda o meu odio contra o conde? não o achas justo?...

— Oh! desgraça sobre elle! exclamou a velha; se esse mysterio te foi revelado, tu o deves odiar tanto como eu o desprezo; — vem pois e defronte d'estas santas imagens, juremos de o fazer pagar a nossa vergonha, as suas injustiças, e o sangue que elle tem feito verter.

— Sim! disse o anão pondo-se nas pontas dos pés para chegar com a mão a um crucifixo; nós o puniremos!... e tu serás dos nossos, ajuntou elle voltando-se para o camponez, que assistia a esta scena estranha sem comprehender cousa alguma.

— Deixa-me fallar, disse Anna a Jourôdivoi, e com uma só palavra eu o tornarei mais furioso e mais terrivel do que qualquer de nós.

— Esse trabalho pertence-me, interrompeu o anão; e dirigindo-se a Sergio acres-

centou: — Abre a porta e olha para o lado do castello.

Este obedeceu, guiado pela apprehensão de uma infelicidade inevitavel.

— O que vês? perguntou o bobo.

— Vejo o castello todo illuminado, exceptuando a parte aonde habita a menina Alexandra. E' necessario que seja uma festa bem divertida, para se prolongar até esta hora.

— E não sabes quem faz estas despesas?...

— Como o posso eu saber?.... tu me atemorisas! Explica-te!

— Não! respondeu o anão; tu não me acreditarias! E' necessario que os teus proprios olhos o observem.... vem!.....

E levou-o pela rua da aldea, por uma vereda aberta sobre o gelo.

Um vento glacial soprava em torno delles, a neve unicamente lançava um clarão mysterioso sobre o campo solitario, aonde appareciam, como espectros envoltos em suas mortallas, os altos pinheiros, e diante delle a trezentos passos de distancia, sobre uma eminencia que dominava aquellas brancas planicies, destacava-se o castello com as suas janellas, e a sua negra torre em uma das extremidades.

Sergio deixava-se conduzir pelo anão, que caminhava pela neve com uma agilidade de que ninguem o julgaria capaz.

— Mas o que tem acontecido? aventurou-se o mongick a perguntar.

— Chegaram ao castello, alguns rapazes nobres, officiaes como o senhor conde, e pertencentes aos regimentos que vão fazer a guarnição das principaes cidades da provincia... Mas ignoras tu o que se tem passado?...

— Sei, que teve logar a morte de sua magestade o czar; e pronunciando estas palavras Sergio descobriu se, e que se tem fallado de agitação revolucionaria em algumas cidades.

— Vejo que tudo ignoras; dizem que perto d'aqui se estabeleceu o farol que serve nas grandes occasiões, e que um corpo de tropa ahi se vai collocar.

— Máu e triste presagio!... murmurou Sergio, que sabia quanto custa aos camponeses russos a passagem d'um corpo militar.

O anão fallava verdade; havia alguns dias, que em continuação aos acontecimentos politicos de que já fallamos, se havia collocado ali proximo, na estrada real da provincia, um

destes postos rusticos, que servem na Russia de transmittir as noticias de uma aldea, ou de um ponto de observação a outro. Era uma especie de guarita formada no alto de uma pequena plataforma, suspensa a quinze ou vinte metros do chão, por meio de paus solidos e grossos. Um molho de palha untado de alcatrão estava atado no topo; quando era necessario, acendia-se este farol; os mais imitavam este á medida que avistavam a chamma e o álerta estava dado em poucas horas a uma grande distancia.

— Não se prepara cousa boa !... repetiu o camponez depois de algum tempo de silencio.

— E isso que te importa, se tens encontrado o que te é necessario? E para o conseguir, acredita-me, tu desejarás em breve ir mais longe do que eu.

— Tu e Anna, respondeu Sergio pensativo, fallais me por enigmas, e me introduzis a morte no coração.

Acabando de dizer estas palavras reparou que estava proximo aos muros do castello. Junto a elles a neve tinha formado uma especie de trincheira; os fossos estavam quasi entulhados e offreciam como o resto do cam-

po uma cõdea de gelo, sobre a qual se podia caminhar sem receio.

Sergio conheceu então o perigo em que se achava. O seu guia pretendia introduzilo na morada senhorial, de noite e mysteriosamente. O menos que lhe podia acontecer se fosse desceberto, era soffrer uma centena de golpes de knout, se o conde estivesse de bom humor; e no caso contrario ser enviado para o exercito ou peor ainda para a Siberia.

Mas já não era tempo de retroceder. Alem disso os acontecimentos da noite, o triplo sacrificio humano executado pela sua futura sogra, lhe acenderam a febre, precipitando todo o sangue no seu cerebro, e estava como submergido em dolorosas reflexões, prevendo alguma horrivel machinação.

Jourôdivoi não se julgava em tanto perigo. Conhecia igualmente as penas applicadas á violação da morada senhorial; mas nem se inquietava de que as pudesse merecer, nem de as partilhar como cúmplice. Conhecia todas as entradas do castello, melhor do que o intendente, e ainda melhor do que o conde, que habitava esta residencia só uma parte do anno.

Dizendo ao seu companheiro que não preferisse uma só palavra, o anão o introduziu por uma longa galeria subterranea, cuja entrada estava encuberta na espessura da muralha, da parte do castello que não estava illuminada.

— Agora, lhe disse elle tornando a fechar a porta por onde tinham entrado, pensa bem, uma palavra, um grito, e estás perdido.

Conduziu-o então com uma destreza admiravel atravez de um grande numero de corredores negros e escuros, fazendo-o subir algumas escadas, e por fim introduziu-o em uma especie de sotão entre o telhado e o segundo pavimento.

— Deita-te sobre o ventre, disse Jourôdivoi.

Depois elle mesmo se estendeu sobre o sobrado, e abrindo suavemente um pequeno alçapão, descobriram uma grade por onde se via a sala que ficava por baixo. Esta abertura era feita entre os desenhos pintados no tecto, e ficava inteiramente invisivel no andar inferior.

No primeiro momento o brilho das luzes não deixava Sergio distinguir cousa alguma; mas bem depressa o seu olhar se acostumou

a essa claridade, e reconheceu o conde é os seus amigos entregues a uma orgia, que tocava o seu paroxismo.

Os convivas riam, cantavam, quebravam os copos, esgotavam as garrafas de vinho de Champagne, depois começavam a fallar baixo, com esse meio mysterio da embriaguez que não sabe guardar o segredo mais importante; depois cantavam e bebiam de novo.

Sergio estremeceu, porque viu com uma anxiedade mortal chegar o momento em que os boyardos costumam invocar outros prazeres n'estas especies de reuniões, sacrificando com o seu despotismo absoluto, a juventude e a innocencia aos seus criminosos desejos.

Como n'este paiz os servos pertencem ao senhor em corpo e alma, em occasiões semelhantes a esta, uma porção de raparigas as mais formosas, é considerada como pertencente ao boyardo. Ninguem ignora que é esta a mais frequente origem das cruéis represalias dos camponezes contra os seus senhores.

Os pobres servos, entorpecidos pelos rigores da servidão não se sublevam senão á força de soffrimentos e de oppressão; mas então semelhantes a animaes ferozes a quem se tem

excitado a raiva, entregam-se a excessos horríveis, perdem a razão, e não teem piedade nem misericórdia.

— O que temos? perguntou o boyardo.

— Meu senhor... balbuciou o intendente,

— Explica-te, e já!

— Aconteceu que Isabel Yvanowa se revoltou e que induziu as suas companheiras a fazer o mesmo que ella..

— Não te comprehendo, replicou o conde a quem o Champanhe obscurecia o cerebro.

— Pois está muito claro, acrescentou um dos convivas; uma de tuas escravas excitou as outras á desobediencia.

— Isso é impossivel!... vamos, falla, eu o quero.

— Ella chora, soluça e ameaça de se matar...

Um riso estrondoso acolheu estas palavras. O intendente continuou:

— Diz que se arrepende do passado, e que visto o senhor conde a destinar para esposa de um homem honrado, de hoje em diante será digna de seu marido.

O conde levantou-se furioso, e quebrou em mil bocados um precioso copo de vidro de Bohemia, que ia levar aos labios.

— Sigam-me! disse elle aos seus amigos, os quaes saíram immediatamente para fóra da salla.

Jourôdivoi apressou-se em fechar o alçapão, receando a explosão de raiva e os gritos irritados do seu companheiro; mas Sergio não manifestou assim o seu ressentimento. Pallido, desfallecido, anniquilado, só murmurou em voz baixa:

— Isabel Yvanowa tem sido a mante de Miguel Bestoujew!...

O anão guardou silencio.

Dez minutos depois de uma solemne-pausa, o camponez exclamou com uma voz que não mostrava agitação alguma:

— Quando se quer destruir um animal perigoso, queima-se no seu covil.... Eu quero deitar fogo ao castello, agora que todos estes se acham aqui reunidos.

O anão balanceou ironicamente a sua disforme cabeça sobre os hombros:

— Tu não te sabes vingar! disse elle com desprezo.

III.

A SEDICÇÃO.

— Não, tu não impedirás a minha vingança ! exclamou Sergio Kahovski ; eu destruirei esta casa maldicta com todos os demonios que ella encerra.

— Insensato ! respondeu tranquilamente o anão ; lanças-te na goella do lobo, e chamas a isto uma vingança.

— Mas tu não comprehendes o que eu soffro !... não sentes o pensamento horrivel

O ANÃO VERMELHO.

5

que me devora!... Não entendeste pois estes homens? Oh! e não me sei vingar, dizes tu? por alma de meu pai, que posso eu fazer mais?!...

— Tu soffres ha apenas uma hora, e julgas conhecer o meio de punir o teu inimigo! Sergio Kahovski acredita-me, a vingança não se busca tão facilmente; eu soffro ha vinte e cinco annos e tenho profundado a minha!... Arma-te pois de paciência; imita Anna Yvanowa; ella conhecia antes de ti a deshonra de sua filha, e desejando viver para gosar da infelicidade do seu inimigo, não duvidou sacrificar tres innocentes creanças!... Anna possui um coração de homem, eu o tenho dito e o repito; e tu, imaginas que um incendio póde satisfazer a tua vingança!...

— Então que mais desejas tu que eu faça?

— Sergio, tu não me comprehendes n'este momento, mas se me promettes obedecer cegamente, e de não commetteres nem indiscrição, nem mostrares impaciencia, eu te juro que ficarás satisfeito.

Sergio ouvindo isto disse com amargura:

— Isabel tem sido a amante do conde.

— O passado é irreparavel, só no futu-

ro se deve esperar!... Que esperas tu? Que te faz hesitar?...

— Nada! exclamou o mancebo; nada dos homens, nada de Deus; Jourôdivoi, chamam-te feiticeiro; pois bem, Satanaz, eu te pertenço!

Um grande prazer agitou todo o corpo do anão, como se com effeito o seu companheiro tivesse assignado um pacto infernal.

— Segue-me! disse o bobo dirigindo o camponez para a estreita escada por onde havia subido até áquelle logar.

E conduziu-o com a mesma precaução e subtilidade que dantes, mas Sergio conheceu que depois de descerem, seguiam uma direcção differente.

Um raio de luz escapando-se d'uma porta entreaberta, attrahiu o seu olhar. Elles marchavam por uma galleria para este ponto.

No momento em que se aproximavam, ainda que os seus passos não tinham feito echo nem ruido algum, a porta se abriu com cautella. Um expesso reposteiro cahiu immediatamente, e a obscuridade não foi menos profunda, mas Sergio ouviu uma voz de mulher que dizia em tom baixo:

— És tu ?

— Sim.

— Só ?

— Não, com um companheiro.

— Entrai depressa.

O anão empurrou Sergio para o reposteiro que se levantou, e se acharam em uma camara elegante fracamente esclarecida por uma lampada que lançava uma luz trémula e fraca.

Em quanto Jourôdivoi fechava a porta, o mancebo estava immovel, não ousando avançar nem recuar, aturdido por tantas aventuras, e admirado de tudo o que via.

Ao clarão duvidoso da lampada, uma joven mulher, pequena e delicada se via assentada sobre um divan collocado junto do fogão, dirigindo para o camponez os seus olhos negros, limpidos e penetrantes.

Nada tão incantador havia ferido o olhar de Sergio. Esta mulher que elle via pela primeira vez tão proxima de si, era a irmã do boyardo, aquella a quem chamavam o anjo do paiz.

Ao seu rosto angelico, de uma rara belleza, e de uma pallidez ardente, se juntavam as suas bellas madeixas de cabellos negros ;

vestia um longo roupão de veludo branco, guarnecido de arminho; mais angelica ainda pelo seu coração e pela sua alma, ella passava a vida a espalhar beneficios, a reparar injustiças, e a prevenir crueldades.

— Aproxima-te, disse ella ao camponez.

Este obedeceu machinalmente, sem dizer uma só palavra.

— Tu sabes o que se tem passado esta noite no castello?

— Eu o sei!... respondeu Sergio com uma voz surda.

— Fiz quanto pude para o impedir, repetiu a donzella. Tudo!... porque não é somente a tua desposada que se tem ultrajado, sou eu!... Debaixo do mesmo tempo, esquecendo a minha presença, o conde persistiu no seu odioso designio... Tu o aborreces?...

— Odeio-o!... porque me-queria fazer desposar a quem havia seduzido, e a quem nem ao menos permittiu que se arrependesse, e entrasse no caminho da honra.

Uma energia selvagem, bella na sua impetuosidade, illuminava as feições ameaçadoras do mancebo.

O seu corpo alto e bem feito, que os

vestidos simples que usava faziam encurvar, mostrava neste momento toda a sua elegancia.

— Sergio Kahovski, continuou a irmã do boyardo; todas as promessas feitas por Jouròdivoi eu as confirmo; e se acaso não acreditares na sua palavra, duvidarás tu da minha?...

O som desta voz persuasiva e doce, fascinou Sergio que a escutava ainda mesmo depois della acabar, parecia-lhe ouvir uma harmonia seraphica, que o transportava a um outro mundo.

— Alexandra de Bestoujew, disse elle; é vossa a minha vida.

La acrescentar algumas palavras, quando recuou convulsivamente, como se tivesse sentido a mordedura de uma serpente. Levou as mãos aos labios e as deixou ensanguentadas para abafar os soluços proximas a trahir a sua afflicção.

Um grito penetrante e desesperado acabava de se ouvir no silencio da noite. Era a voz de uma rapariga que expirava na outra extremidade do castello, debatendo-se de baixo dos golpes de um azorrague de cinco pontas, o mais terrivel de todos os knouts.

O bobo observava tudo socegradamente

assentado defronte do reposteiro; uma alegria diabolica se divisava no seu rosto disforme.

— Isabel! Isabel! dizia soluçando o infeliz Sergio, elles te mataram!...

— Pobre rapaz!... Disse Alexandra com sincera compaixão; ao meños ainda te restam amigos.

Estendeu a mão para a qual elle se precipitou, beijando-a de joelhos; e a apertou por algum tempo entre as suas, deixando correr as lagrimas que lhe saltavam dos olhos. Uma piedade profunda se revelava no olhar e nos gestos de Alexandra. Ainda que de uma familia pertencente á inflexivel aristocracia moscovita, ella tinha o coração de mulher. Sergio, já o dissemos, distinguia se pela belleza, pela expressão de seu rosto, pela sua apparencia e maneira de se exprimir. E depois, ha as mais das vezes nas tristezas do coração, e nos males causados por uma paixão verdadeira, alguma cousa de tocante e sympathico que não deixa indifferente uma rapariga de vinte annos.

Alexandra, por muito tempo escrava submissa do homem que a lei lhe havia destina-

do para tutor, estava fatigada de soffrer os seus caprixos, as suas exigencias, e de ver parte da sua fortuna absorvida por loucas prodigalidades. Filha de uma nobre raça, corria-lhe nas veias um sangue imperioso e ardente, que não soffria um insulto a sua honra e dignidade. Quando seu irmão gradualmente chegou a não respeitar o castello que ella habitava, e a profanal-o por infames saturnaes, tinha esta jurado pela memoria de sua mãe, de castigar o culpado, humilhar o seu orgulho, e quebrar aquella authoridade de que elle abusava.

Tinha em seu poder uma arma que o conde ignorava, que ella desejava manejar sem auxiliares, e que julgava de tal valor, que não teve duvida em se expôr a ser victima se fallhasse o seu projecto.

O conde na sua embriaguez, longe de imaginar o que se passava, e o que se preparava contra elle, lançava se inconsideradamente nas conspirações que se formavam na maior parte das provincias contra o novo czar. Este era o motivo da chegada dos hospedes n'esta occasião ao castello de Palovgrad, onde o conde e os seus amigos formavam os seus pla-

nos com a maior segurança, n'um districto em que todas as aldeas lhe pertenciam, entregando-se ao mesmo tempo aos seus projectos de insurreição, e ao amor dos prazeres.

Triumphando emfim do seu desespero, Sergio levantou-se, a ultima lagrima suspensa na extremidade das suas palpebras secou repentinamente, e um raio de alegria illuminou a sua fronte.

— Alexandra Bestoujewa, exclamou, vós acabais de me ver chorar como uma creança; agora ordenai, e eu obrarei como homem.

— Sergio, respondeu a donzella; a tua reputação de lealdade e de intelligencia te havia já assegurado a minha estima; as lagrimas que tu me tens confiado, garantem a minha amizade.

— A vossa amizade!... repetiu elle tomado de um novo delirio; a mim?... a um pobre servo!... pois bem! pela salvação da minha alma, nunca vos arrependereis de haverdes pronunciado essas palavras; quero que um dia conheçais que as tenho justificado!... Que ordenais de mim?!...

— Podeis dispor da vossa vida?

— Ella é vossa.

— Escuta pois: o conde conspira contra o imperador; é preciso que o seu plano seja malogrado, e que seja victima da sua propria machinação! Para isso é necessario dar o signal da revolta antes que os conjurados estejam prevenidos e os chefes collocados nos seus postos. A conspiração feita de improviso abortará, e recahirá sobre os seus authores. Sabindo d'aqui, tu irás ao posto que se organisou junto ao farol. Lá, seja qual for o obstaculo que se apresente tu o accenderás!...

— Assim o farei, ainda que encontre a morte!... E' tudo?...

— Se fores bem succedido... voltarás immediatamente para tua casa sem mais te inquietares, e amanhã começarás a preparar habilmente os teus amigos para um grande acontecimento, distribuindo lhe o dinheiro que Jourdivoi te levou. Que elles estejam dispostos a operar; diz-lhes que se prepara o seu bem estar, a sua fortuna, e a sua liberdade... Excita-os, escuso de te dizer aonde podes estudar os discursos que lhe deves fazer...

— O sangue de Isabel mancha ainda as mãos deste homem, murmurou Sergio a quem um brilho estranho illuminou o seu olhar.

— Que estejam promptos a operar, e quando eu der as minhas ordens que as executem... Vai!...

Sergio beijou ainda uma vez a mão de Alexandra, transportado de um goso que elle mesmo não sabia explicar, ao sentir o contacto daquella mão incantadora, e vendo sorrir a bella castellã; e seguiu o anão, que o fez sahir por uma porta occulta, indicando-lhe silenciosamente com um signal a direcção do farol.

Jourôdivoi fechou a porta secreta e voltou para junto de Alexandra.

Esta estava proxima a uma janella que dava para o lado que Sergio tinha tomado, esperando a apparição do signal que lhe havia demonstrar o resultado do seu plano.

O anão chegou junto della sem ser sentido; toda a sua meditação e suas ideas estavam longe d'aquella camara, e talvez longe de cousas materiaes. Jourôdivoi lançou sobre a donzella o seu medonho olhar, e soltou um guincho indicando a sua satisfação.

Alexandra estremeceu; e os seus olhares se cruzaram; o da joven cheio de melancolia, duvida e anciedade, o do bobo cheio de esperanza e de alegria maldicta.

E para provar que estava conhecedor do seu pensamento, exclamou:

— Valoroso coração!

— Alma nobre no corpo de um escravo!... ajuntou ella com tristeza; a sorte é injusta.

— Interessa-te este rapaz? Alexandra.

— Elle é tão infeliz e tão dedicado...

— Então! não o recompensaremos nós?

— Sim, se o resultado for favorável... e para isso...

— Para isso é necessario que eu parta ao nascer do dia para Ekaterinoslaw; que veja o abbade, e que obtenha d'elle uma declaração escripta e formal do segredo de que depende de hoje em diante o teu e o meu futuro, o qual será confirmado pela mãe de Isabel.

— Pobre mulher!... disse Alexandra suspirando.

Para esta alma generosa e justa, digna de uma outra patria, o seu proprio interesse não lhe fazia esquecer a infelicidade dos mais. O desprezo que ella sentia todos os dias pelos actos revoltantes de que era testemunha, a afastavam dos tyrannos para a aproximar das victimas.

O conde era seu irmão, é verdade, mas

não desprezava elle a voz do sangue, ao mesmo tempo que a do pudor? Despota sem entranhas, não sentia remorsos e queria que tudo se curvasse á sua authoridade : era portanto um dever de honra e de religião fazer cessar esses abusos, e visto possuir os meios necessarios para tal fim, ella lançou mão d'elles.

Alexandra tinha sido educada com as ternas lições de sua mãe, opprimida por um pai imperioso e soberbo, vão dos seus titulos, e duro para os servos. Arrebatado cedo a sua filha, e advinhando sem duvida a sua sorte futura, tinha-a querido pôr ao abrigo dos excessos da tutela de seu irmão, e para isso tinha-se entendido com o abbade de Ekaterinoslaw, sacerdote veneravel que ella havia buscado para seu confessor, por conselho de seu pai.

Era com elle que Jourôdivoi se devia encontrar pela manhã. Custava a conter-se esperando a hora com uma viva impaciencia. Pensava unicamente n'este objecto, e o seu rir constante e diabolico testemunhava sufficientemente que zombava d'alguma cousa.

Ao mesmo tempo que os conspiradores de Palovgred dormiam embalados por uma falsa

segurança, o anão do castello e a irmã do boyardo esperavam o instante que ia fazer a ruina d'este ultimo.

Havia alguma probabilidade de que Sergio não fosse bem succedido! mas este havia jurado; o exito não devia trahir a sua dedicação.

De repente um raio de luz sabiu do alto da plataforma, alcançou o archote prezo a uma ponta de ferro, e durante cinco minutos projectou ao longe sua fulgurante claridade.

O silencio reinava tanto no campo como no interior do castello. Somente, quando os ultimos reflexos do archote se espalhavam ao sopro do vento, o som de uma arma de fogo disparada por um dos guardas do farol, se fez ouvir.

Alexandra, como se esta detonação lhe tivesse ferido o coração, entrou convulsivamente na sua camara, e cabiu de joelhos diante de uma imagem da Virgem.

O seu companheiro, ao contrario, abafou difficilmente um grito de alegria, e sabiu precipitadamente para preparar a sua partida.

Algumas horas depois conduzido por dois vigorosos cavallos, que um creado do castello

dirigia, esquecia Alexandra e entrava na capital da provincia.

Um clarão espantoso se ouvia de todos os lados, interrompido de instante a instante pelo som da mosqueteria e do canhão.

Do interior de alguns quarteis se viam com terror sahir nuvens de fumo, que revelavam o incendio. Uma multidão louca, agitada, furiosa, e sem ninguem que a dirigisse, se arrojava na direcção dos edificios publicos, dos escriptorios da administração, e das moradas das authoridades.

O calculo de Alexandra realisou-se. O signal dado antes de tempo tinha posto em campo os conspiradores mais vigilantes, mas os chefes desconcertados, sem ponto de reunião, sem plano determinado, estavam em duvida, buscando dissimular, em lugar de se collocarem á frente dos revoltosos. Ninguem ignora tanto a historia contemporanea, que não saiba que foi esta incerteza que fez abortar a conspiração.

Entretanto a desordem chegava ao seu auge, Jouròdivoi chegava ao centro da onda popular, procurando aproximar-se do palacio do prelado. Mas d'este lado o tumulto era

ainda mais violento. Os insurgentes guiados pela esperança do roubo, pois esperavam encontrar no palacio da primeira authoridade religiosa da cidade thesouros immensos, acabavam de arrombar as portas, e violando até o oratorio aonde o piedoso abbade estava orando, o arrastaram no meio dos punhaes até ao pateo do edificio, aonde jaziam já alguns dos cadaveres dos seus criados.

Quasi a socumbir debaixo dos golpes d'esta população furiosa, não fazia sequer uma ameaça, nem uma queixa; com os olhos voltados para o ceo, invocava antecipadamente o perdão dos seus verdugos.

O anão viu esta scena. Ainda um instante e teria findado a vida do ministro da igreja! com ella desaparecia a fortuna que havia sonhado! Saltando de raiva por entre o ultimo grupo que lhe embaraçava o caminho, subiu sobre o parapeito de uma janella, e ahí dominando a seu turno a multidão, fez soar um dos seus guinchos mais agudos.

Esta apparição socegou subitamente os revoltosos mais exaltados. Esta plebe insensata, ébria de furor, que a sublime resignação de um pontifice não tinha podido acalmar,

apazigou-se com o gesto ameaçador de um anão. Os instintos supersticiosos foram mais poderosos que os da razão, da religião, e da humanidade.

O terror que inspirou o feiticeiro, serviu para salvar o sacerdote. Os punhaes abaixaram-se immediatamente.

IV.

A REVOLTA.

Era para temer que o movimento de instinto supersticioso que havia apaziguado a loucura dos insurgentes em presença da aparição do anão vermelho, não dêsse bem depressa lugar a uma reacção mais furiosa, que trouxesse a perda definitiva do sacerdote; porem durante este tempo de embaraço, as tropas da guarnição conservavam-se fieis, e chegavam a passo de carga dispersando o tumulto, a quem faltava ao mesmo tempo armas e chefes.

A populaça fugio em todas as direcções, perseguida pelos soldados que descarregavam ao acaso as suas espingardas sobre os grupos de fugitivos.

Collocou se uma guarda numerosa á entrada do palacio, o qual tinha a porta fechada, mas esta precaução era superflua ; o povo não estava tentado a renovar uma loucura igual á que havia commettido ; os mais valentes, os que serviam debaixo das ordens dos boyardos, imitavam aquelles que não tinham apparecido, e se escondiam cuidadosamente.

Jourôdivoi tinha sido realmente o libertador do abbade, mas esta honra pouco lhe importava. Elle não trabalhava para outro, mas sim para si. Não o cremos calumniar dizendo que a vida do sacerdote lhe era muito menos preciosa do que o serviço que esperava receber, e que lhe tinha feito tomar uma parte tão viva no perigo que elle acabava de correr.

O cossaco que estava de sentinella á porta do palacio, tinha ordem rigorosa de não deixar entrar pessoa alguma sem uma licença especial, e começou por impedir a passagem ao bobo.

Este não recuou ; precisava chegar até junto do abba de, e zombou de um semelhante obstaculo, porque conhecia o mundo.

Os soldados moscovitas não são mais do que machinas, que apenas sabem executar os movimentos no exercicio, repetir algumas palavras da tactica militar, e de que toda a intelligencia se limita apenas ás crenças religiosas que os padres propagam o mais grosseiramente possível, e nas quaes o temor dos feitiçeiros, dos sortilegios, e o culto dos amuletos estão infinitamente arraigados mais ainda, do que nas outras classes inferiores ; o que explica a maneira com que elles affrontam o perigo.

— Ninguem passa ! disse o soldado.

O anão lançou sobre elle o seu olhar de serpente, e agitou a sua vermelha cabelleira, exclamando :

— Mas essa ordem não me diz respeito.

— Não importa ! replicou o cossaco, que sustentava com difficuldade o seu olhar sardonico e ameaçador.

— Logar, eu t'o ordeno, disse o anão collocando-se resolutamente defronte da espingarda que se lhe oppunha.

— Mas... a licença!... balbuciou o cossaco.

— Eu sou santo e evoco o diabo!... respondeu Jourodivoi com voz vibrante.

A sentinella intimidada retirou a arma e deixou o caminho livre.

— Entrego-me á minha sorte!.... disse elle em voz baixa e tom supplicante.

O anão atravessou com toda a ligeireza das suas delgadas e pequenas pernas a distancia que havia ao perystilo do palacio.

— Que pretendeis, perguntou um dos religiosos seculares, encarregado do serviço do abbade, e que guardava a antecamara, ainda todo assustado da scena terrivel que tinhá ameaçado os seus dias e custado a vida a alguns dos seus collegas.

Sem se deter com a agitação e desordem deste logar habitualmente tão socegado, disse o anão:

— Sou eu que salvei vosso amo, e que lhe pretendo fallar!

Alguns dos criados testemunhas do que elle dizia, justificaram a exactidão d'estas palavras, e bem depressa foi introduzido junto do abbade.

Nada havia alterado o socego evangelico da sua nobre physionomia. Recebeu a visita assentado na sua cadeira pontifical. Junto d'elle estava o bastão incrustado de marfim e oiro signal do seu poder ; passava entre os dedos um rosario, terminado pela cruz grega ; não tinha a cruz de oiro sobre o peito, porque na occasião do motim a mão de um sacrilego lh'a havia arrancado ; seu *mandyás* esta longa toga negra que compõe o vestuario ordinario dos abbades de primeira classe, mostrava ainda os signaes das violencias que tinha soffrido.

Se a grosseria e ignorancia formam o apanagio do baixo clero russo, é incontestavel tambem que a fé e a religião, acham, pondo de parte a questão de seita representantes dignos e instruidos no maior numero dos chefes do clero negro, que se distingue principalmente do que se chama o clero branco, pois sendo este ultimo destinado á ultima classe da sociedade, não fazem mais do que mandar para as aldeas d'estes padres.

O bobo sentiu um instante de hesitação na presença deste personagem veneravel ; mas não foi mais do que um instante. Dominado pelo pensamento fixo ao qual obedecia, avançou, ou antes rolou até aos seus pés.

— Tu me fizeste um grande serviço, disse o abba de com modo tranquillo, não indicando susto algum pelo drama espantoso, por que acabava de passar. O que posso eu fazer em teu favor?

— Meu pai, disse Jourôdivoi com ousadia; eu sou o bobo do castello de Palovgrad. O sacerdote estremeceu e olhou-o com uma singular attenção.

— Tu pertences ao conde Miguel Bestowjeu? perguntou elle.

O arão fez um signal de cabeça affirmativo. O seu interlocutor continuou lentamente:

— Por quem és apoiado?... o que pretendes de mim?

— Meu pai, repetiu Jourôdivoi; ainda que desgraçado, eu não sou um louco, e se occupo esse logar, possuo mais raciocinio do que aquelle que me reduziu a este estado de abjecção; o que se me sensura principalmente é o uso que eu faço desse raciocinio. Mas de quem é a falta? eu tinha talvez nascido bom, e teem-me tornado perverso!... E entretanto quem ousará dizer que eu o sou em um gráo igual, áquelles que me opprimem?...

— Mas o que pretendes tu, emfim?...

O anão tirou da algibeira um papel que apresentou ao abbade:

— Alexandra Bestoujewa envia-vos esta carta, senhor:

— Alexandra!... repetiu o prelado recebendo o escripto, para o qual olhou com anxiedade.

— A irmã do conde é infeliz! disse o bo-bo carregando em cada palavra; vós fostes o conselheiro de sua mãe... recebestes as suas ultimas vontades... hoje venho recordar as vossas promessas, contrahidas sobre o leito de uma agonisante.

— Assim, disse o abbade com tristeza, Alexandra tudo te confiou?

— Tudo!

— Tem então muito a queixar-se de seu irmão?

— Lêde o que ella vos escreve, senhor.

O abbade abriu então a carta e a leu com um olhar. Então uma nuvem assombrou aquelle rosto, que senão havia alterado com a presença da morte. Lançou o seu olhar para uma imagem de Christo suspensa em sua frente, tornou a fital-a sobre o ser disforme que estava sobre o estrado esperando a sua resposta, e murmurou em voz baixa:

— Vossos designios são impenetraveis, meu Deus; esta donzella soffre; a alma de sua mãe me olha... que se cumpra o que tenho jurado.

Levantou-se e pegou em um rolo cuidadosamente lacrado que estava sobre uma meza.

— Isto, disse elle; não te pertence: é a herança de Alexandra Bestoujewa; faz-me pois o juramento de o entregar unicamente a ella!

— Eu o juro!

— Promette-me tambem, que se por algum designio subito da providencia, a fortuna te apparecer, de fazeres um bom uso della.

— Meu pai, disse o anão recebendo o precioso masso, eu já vos expliquei como tenho soffrido, e que se acaso nasci bom, o que não posso provar, as injustiças, as violencias e as miserias me tem tornado perverso.

— Infeliz!...

— Comtudo, ficai tranquillo, eu me saberei mostrar justo, e não pagarei mal áquelles que me tem servido.

— Que Deus te esclareça! mas não te esqueças de assegurar a Alexandra, que achará sempre em mim um appoio.

E despedio-o com um signal.

Em quanto estes acontecimentos tinham lugar na capital da provincia, o castello de Palovgrad estava longe de apresentar um aspecto mais tranquillo e mais seguro.

Muitos correios vindos da cidade, tinham chegado de manhã, sendo portadores de noticias, que não deixavam de assustar o conde e os seus amigos, apezar de se julgarem seguros. Haviam chegado algumas compainhas dos seus regimentos, mas não podiam duvidar que o signal dado antecipadamente traria perigos, que os conspiradores de Ekaterinoslaw não podiam remediar.

A sua situação tornava-se tanto mais difficil, e se agravava por uma horrorosa perplexidade. As ultimas noticias davam a explosão do motim e a ausencia dos chefes com os quaes deviam contar. Depois o dia avançou rapidamente, os correios expedidos não tinham tido tempo de voltar, não sabiam se haviam avançar ou recuar, e nesta duvida, obrando como homens prudentes elles se conservaram no castello.

Comtudo, julgaram acertado dissimular o seu character de conspiradores, e trataram de usar em toda a sua extensão dos seus titulos

de senhores, fazendo sobre um vasto espaço que se estendia defronte do castello entre a igreja e a aldea, os preparativos para um drama sinistro.

O conde estava na sua camara, levantava-se de instante a instante de uma grande cadeira de braços, para olhar atravez dos vidros da sua janella.

Um pensamento selvagem se lia sobre a sua fronte abatida como a de um animal carnívoro, passando a cada momento a lingua pelos labios grosseiros e de uma cor pallida, como um tigre que lambe a ultima gota de sangue.

Impaciente pela festa que se preparava, tinha apressado tudo para a pôr em execução, antes que a noite chegasse.

Um desassocego feroz se divisava em seu rosto e em seus gestos. Achava que aquelle festim sanguinolento, não chegava tão depressa como desejava.

De repente, a porta se abriu, e um criado fez entrar sua irmã toda vestida de branco, a qual deu alguns passos para elle.

O conde franziu os sobrolhos e assentou-se na cadeira.

— Que me queres? perguntou elle surdamente.

— Em breve o vais saber! respondeu a donzella; tu dissimulas, mas eu conheço a colera que apenas contens.

— Eu não quero ser importunado!...

— Miguel Bestoujew, eu sei o que se passa; um mancebo foi esta noite apanhado e ferido com um tiro de espingarda nos arredores do farol; accusam-no de lhe ter lançado fogo, e...

— E elle vai perecer!..... exclamou o conde com voz furiosa.

— Miguel Bestoujew, esse homem não morrerá.

— Ousas tu pedir-me o seu perdão!...

— Eu não o peço, ordeno-o! disse a irmã do conde com um tom tão natural, tão respeitavel, que o boyardo tendo chegado ao cumulo da desesperação, ficou desconcertado.

— Alexandra, exclamou elle depois de ter reprimido a respiração, pois a raiva o soffucava; tu és minha irmã e abusas desse titulo; mas toma cuidado, porque eu sou amo e senhor aqui!...

— Se alguém, repetiu ella sem se deixar intimidar; abusa do seu poder e dos seus ti-

tulos, Miguel Bestoujew, és tu ; e comtudo, eu o repito, has de conceder a vida a Sergio Kachovski !

— Não ! eu jurei a sua morte !...

— Embora, mas não morrerá !

— Pois vê, insensata, vê tu mesma qual de nós é obedecido. E pegando-lhe no braço levou-a á janella.

N'este momento um grande motim se ouvia defronte do castello. Toda a gente da aldeia se achava reunida, sendo apenas contida pelos soldados, que socegavam os mais impacientes e curiosos de se aproximarem de uma fileira dobrada, que estava formada debaixo das janellas do quarto do conde.

Estes, separados por uma distancia de dois metros pouco mais ou menos, estavam immoveis tendo nas mãos em lugar de armas, cada um uma vara comprida e flexivel. Por detraz, para presidir á execução, estava um official a cavallo, um dos que durante a noite tinha sido cumplice do assassinato d'aquella, de quem se ia agora matar o desposado.

Sergio tinha sido condemnado ao horriavel supplicio das varas. O conde havia ordenado que o reo soffresse tres mil dos seus gol-

pes; é esta a conta ordinaria, quando se quer fazer morrer um condemnado, neste paiz em que uma lei irrisoria tem abolido a pena de morte. O infeliz expira quasi sempre antes de ter soffrido metade do castigo, ou então, por um requinte de maldade digno de uma horda de anthropographos, mas que se vê frequentemente, cada vez que está proximo a succumbir, levam-no a curar a um hospitah, e o castigam de novotantas vezes quantas são necessarias aos seus algozes, para completar o total dos golpes indicados.

O condemnado deve passar entre as fileiras dos soldados, mas o receio de que não busque evitar uma parte dos golpes na occasião do supplicio, dois homens marcham recuando, tendo as bayonetas das espingardas cruzadas sobre o peito, ás quaes o padecente tem as mãos ligadas, entretanto que um outro o empurra para traz receando que não recue. Por este meio, se elle busca fazer algum movimento, recebe no peito o ferro das bayonetas; assim é obrigado a soffrer a sua pena, deixando a cada vara o tempo necessario de o ferir.

A penna treme ao traçar estas monstruo-

sidades! e comtudo aquelles que as ordenam sabem ainda algumas vezes augmentar estes horrores.


— Olha!... vociferou o conde.

E Alexandra viu Sergio Kahovski com a cabeça rapada, corpo nu até á cintura, seguro por um kalmouk no meio dos seus verdugos.



V.

A REVELAÇÃO.

 condemnado ia receber os primeiros golpes das varas, suas mãos tremulas apoiavam-se já sobre a ponta das bayonetas que lhe magoavam o peito; não sentia nem o frio da temperatura nem a dôr da ferida que lhe tinha feito a balla no momento em que se julgava longe da vigilancia dos guardas do farol. Sergio encarava sem temor o soffrimento e o supplicio da sua morte; aquelles que o tinham interrogado para descobrir o motivo da sua temeraria acção, não haviam obtido confissão alguma da sua boca.

Seu pensamento estava em outra parte, sua emoção tinha origem em um sentimento mais elevado que o medo. Um olhar taciturno e resignado dirigido para o castello, só poderia ter indicado o motivo. Elle tinha compromettido valorosamente a sua palavra, e esperava por tanto algum soccorro.

Por um esquecimento bastante raro o que não se explica senão pela agitação e desordem dos boyeados, haviam-se esquecido de dar um confessor ao condemnado. Ninguem de tal se havia lembrado, quando o padre da aldêa recordando-se dos seus deveres e dos seus direitos, se apresentou ao official que mandava fazer a execução, e insistiu para estar ao menos cinco minutos com o paciente. A alma de um pobre diabo era de pouco valor para o official, comtudo não ousou recusar, e ordenou aos dois soldados que tirassem o campo-nez de entre os soldados para o confiarem ao sacerdote.

O conde observava com impaciencia esta scena da sua jynellia, sem comprehender cousa alguma. Alexandra adivinhou tudo, e viu com alegria os minutos concedidos á victima.

— Miguel, disse ella a seu irmão, ainda

O ANÃO VERMELHO.

é tempo, perdão para este desgraçado !.....

— Na verdade, respondeu o conde com ar de insolente zombaria, que tomas per elle um interesse que comprometteria uma mulher em quem eu confiasse menos do que em minha irmã.

Os labios de Alexandra estremeceram de indignação.

— Conde Miguel Bestoujew, exclamou ella, tu não conheces que a minha colera te pode perder?... Esqueces-te do paiz em que vivemos? um paiz aonde a denuncia se conta no numero das virtudes?... aonde o pai se glorifica quando acusa seu filho?...

O conde olhou-a com ar ameaçador e terrivel, mas ella continuou sem mudar de attitude :

— Miguel Bestoujew, sabe finalmente que não te receio; todos os teus planos me são conhecidos, conspirador imprudente, se uma só gota do sangue deste homem fizeres verter, treme pela tua cabeça!

— Antes disso, replicou o conde rugindo de raiva, eu te esmagarei como uma serpentel

— Embora! mas a minha vingança me sobrevirá! Tu tens inimigos que te persegui-

rão depois da minha morte, aos quaes eu legarei a execução do meu plano, e que te expulsarão do teu condado como usurpador e falsario !...

— Que dizes tu, insensata!...

— Digo que esses titulos de que tu gozas, essa fortuna que dissipas, essa authoridade que abusas não te pertence!...

O conde julgou que ella tinha perdido a razão, mas vendo as suas feições socegadas, o seu ar solemne e olhar ardente, ficou tomado de terror. A blasphemia e a injuria se detiveram sobre seus labios; dominado por um terror irresistivel, tocado de um sombrio estremecimento, abriu a janella e agitando um lenço fez signal para que se suspendesse a execução.

Depois chamando um dos seus criados lhe disse:

— Vai dizer ao commandante da força, que já é tarde, e que o supplicio fica demorado até amanhã. Que o réo seja conduzido á sua prisão.

E tornou a sentar-se affectando uma tranquillidade que os estremecimentos nervosos de todo o seu corpo trahiam, e lançou sobre

Alexandra que se censervava ainda diante del-
le com ar de respeito, um olhar sombrio, mor-
daz e cheio de raiva :

— Se não queres partilhar a sorte d'es-
te homem, explica as tuas palavras insensatas,
ou retracta-as immediatamente sobre o evan-
gelho.

— Eu não me retractarei Miguel Bestoujew,
e a explicação que me pedes, lançar-te-ha no
nada, de onde um erro culpado te tem tirado.

— Eu t'ó estorvarei, fazendo-te prender
como uma louca furiosa!...

Um sorriso de desdem deslisou sobre os
labios pallidos de Alexandra.

— Quem te acreditará?... E assim mes-
mo, eu t'ó repito, a minha vingança cahirá so-
bre ti; portanto só tens um meio de a evitar
e é obedecendo-me.

— E' então um mysterio?...

— Um mysterio terrivel, que me foi re-
velado na ultima hora de uma agonia; e que
eu não deveria publicar, se não tivesses che-
gado ao cumulo da infamia com as tuas cruel-
dades!... E hoje este momento é chegado.

— O conde subjugado, não ameaçou,
nem zombou mais; como todas as naturezas

ferozes e baixas, a unica apparencia de uma desgraça já o fazia tremer.

Alexandra continuou :

— Lembras-te da noite em que morreu nossa mãe?... Depois de ter levado os ultimos soccorros por um ecclesiastico veneravel, hoje chefe do clero d'esta provincia, ella quiz fallar então comigo.

Uma recordação rapida e horrorosa atravessou o espirito do boyardo. Lembrou-se que n'essa mesma noite sua mãe o tinha chamado, recommendando-lhe que velasse em sua irmã, e que a fizesse feliz.

— Guarda-te de violar a minha ultima vontade, tinha-lhe dito porfim, porque dependeria de tua irmão o fazer-te expiar duramente a tua falta de justiça e de benevolencia.

Estas palavras até então esquecidas, se lhe apresentaram na memoria fulgurantes e implacaveis, evocadas pelos discursos de Alexandra.

Esta proseguio :

— Depois de me ter feito jurar sobre um crucifixo de não me servir, da sua revelação senão em uma circumstancia suprema, ajuntou:

— Ha na minha vida uma acção de que

me acuso, e de que não tenho cessado de pedir perdão ao céo, sem ter nunca tido coragem para a reparar. Quando teu irmão Miguel veio ao mundo, estava eu e teu pai n'este castello, e as dores me chegaram tão depressa que não havendo tempo de se ir buscar um medico á cidade, não houve duvida em se mandar chamar a parteira da aldea, Anna Yvanowa. Seria uma fortuna ou uma infelicidade?... Deus só a póde dizer... Mas a discrição d'esta mulher nos serviu de dissimular-mos um segredo fatal. Eu acabava de dar á luz dois gemeos; um bello e robusto; o outro fraco, rachitico e monstruoso... este era o mais velho... Teu pai, desesperado com a ideia de deixar o seu nome e a sua fortuna a este ser informe, não hesitou; escondeu o seu nascimento, fazendo-o passar por um infeliz recolhido por compaixão, e só reconheceu por seu filho o mais joven.

Alexandra suspendeu um momento a sua narração; o conde estava opprimido e aniquilado.

— Tens-me comprehendido? ajuntou ella.

O conde agitou a cabeça, seus olhos in-

jectados de sangue brilhavam com um fogo sombrio.

— Dizes então que Jourodivoi é o verdadeiro senhor d'este castello?

— Ainda faço mais, apresento as provas. O boyardo pulou sobre a cadeira.

— As provas!...

— Eu quero-te destruir para castigar as injustiças, os agravos, e os rigores que praticas com os teus servos; assim, dá a liberdade a Sergio Kahovski, e eu farei desaparecer esses titulos assignados por nossa mãe, guardando um silencio eterno, não só sobre isto, como sobre a tua louca conspiração.

O conde reflectiu um instante.

— Ficarei socegado a teu respeito, mas quem me responderá pelo silencio de Anna e Jourôdivoi?...

— Anna o tem guardado até hoje... em quanto a teu irmão, porque elle é teu irmão!... debalde reclamará os seus direitos, porque ninguem em tal acreditará.

— E entregai-me-has esses papeis?...

— Logo que Sergio esteja em liberdade.

— Onde estão elles?

— O homem que os traz vem a caminho n'este momento.

Depois de uma nova pausa, o boyardo chamou um criado.

— Que se me traga, disse elle, a chave do calabouço de Kahovski.

Cinco minutos depois esta ordem tinha sido executada. O conde deu-a a sua irmã, dizendo-lhe :

— Pensa em cumprir o teu juramento.

N'este momento ouviu-se por detraz da tapessaria que occultava a porta da camara, um ruido que a obscuridade não permittia conhecer a causa.

Alexandra munida do instrumento de liberdade não reparou ao sair, em um vulto informe acocorado entre as pregas do reposteiro.

Correndo ao seu quarto, ajuntou algumas das suas joias, fechou em uma bolça todo o ouro que havia na sua secretária; muniu-se de um capote de pelles; ordenou a um criado para ter prompto o seu melhor cavallo, e desceu aos subterraneos do castello.

Não só a beneficencia, mas um outro sentimento tambem puro e mais vivo, se juntava na alma da nobre donzella.

A porta da prisão parou, e pela primei-

ra vez reuniu as suas ideias ; mas foi apenas uma demora de alguns segundos. Então uma estranha transformação se operou em Alexandra. Quem a tivesse visto a toda a hora altiva e arrogante, impor as suas vontades ao terrível boyardo, não a reconheceria agora tímida só com o pensamento de tornar a ver o pobre servo condemnado por ter cumprido as suas ordens.

Verdade é, que Alexandra, sem calcular as consequencias da sua acção, depunha as suas armas em favor d'elle, e livrando-o, ficava só, em poder de um homem que jamais lhe perdoaria o haver sido obrigado a contra fazer a sua vontade. Mas este pensamento, não era o que fazia palpitar o seu coração, e perturbar as suas ideias.

O condemnado não se moveu ao ruido da chave rangendo na fechadura. Pensava em uma mulher, e não esperava visita a não ser dos seus carcereiros. Com a cara voltada para a parede, estendido sobre a cama de palha do calabouço, nem ao menos teve a curiosidade de olhar.

Alexandra parou á entrada do carcere.

— Sergio Kahovski! disse ella em voz baixa.

A este nome o prezo estremeceu, levantou-se de repente, deu alguns passos, estendeu os braços, depois, a surpresa paralizou o seu andar, e ficou sem se mover,

— Vós! exclamou elle dominado de alegria; vós, Alexandra Bestoujewa!...

E appoiou a mão sobre o peito para moderar as palpações do seu coração, sentiu que as expressões faltavam ao seu reconhecimento, é só lhe poude lançar um olhar de adoração.

— Julgavas que eu te havia abandonado?

— Pensava não mais vos tornar a ver, e era este o motivo da minha afflicção.

— Havia eu de ser a causa da tua morte?

— Não vos tinha eu dado a minha vida? e não me haviéis vós chamado vosso amigo?...

— Nobre coração! nem uma queixa, nem uma exprobação!

Alexandra aproximou-se e deitou sobre os hombros o capote que trazia.

— Tu vas partir, fugir deste logar, deste paiz maldicto....

— Affastar-me!... viver? disse Sergio melancolicamente; eu esperava morrer.

— Morrer!... repetiu a donzella, sempre

essa palavra ! nada te prende pois a existencia ?

— Só a infelicidade !

— Pois bem ! disse ella em voz baixa tomando-lhe ardentemente a mão, eu desejo e quero que seja o amor !...

— Meu Deus ! exclamou Sergio em delirio, que tendes vós pronunciado ?...

— Sim, proscripto, escravo, condemnado, Sergio Kahovski, eu te amo ! eu te amo porque és leal, porque és generoso, porque és bravo... porque desprezo os teus algozes !...

— Oh ! agora, disse elle pegando nas mãos de Alexandra e ajoelhando a seus pés ; eu parto, parto feliz ; tenho achado uma parte do paraíso ; esta felicidade seguir-me-ha por toda a parte, e ninguém m'a fará esquecer.

A donzella inclinou-se para elle e apoiou seus puros labios sobre a sua frente.

— Vai, amigo, nós nos tornaremos a ver ! eu espero a tua volta.

Alexandra não dizia se era n'esta vida ou na outra, mas Sergio pensou na eternidade.

Depois montou a cavallo, e se affastou a todo o gallope deste castello testemunha das maiores angustias e da maior felicidade que elle tinha sentido.

Atravessou planícies, aldeas, demorando-se apenas para dar algumas horas de repouso ao seu cavallo.

Tardava-lhe encontrar uma nova patria, aonde mostrasse a sua coragem, e merecesse o titulo de homem, que o seu paiz lhe havia negado. Em menos de uma semana chegou ao Kouban, e aos limites de Circassia; com o vestuario dos homens das montanhas, munido, graças ao oiro da sua bemfeitora, de um armamento igual aos seus, apresentou-se aos seus chefes e lhe offereceu os seus serviços.

A guerra estava ainda encarniçada entre os circassianos e os regimentos cossacos encarregados de defenderem a fronteira e de fazer recuar o inimigo até ao Caucaso. Um auxiliar determinado, conhecedor dos costumes russos, era sempre bem recebido.

VI.

A JUSTIÇA DO CZAR.

Tornemos a Palovgrad, onde havemos deixado outros personagens dominados por tantos acontecimentos e por tantas emoções diferentes.

A irmã do boyardo estava á entrada do castello, esquecendo o frio, e escutando com anxiedade os ultimos echos do galope do cavallo que levava o seu amante. Era metade de si mesma que se affastava, e a que lhe resta-

va, esse corpo adoravel, invejado dos mais nobres senhores, não sentia as sensações phisicas porque a sua alma estava partida e dominada pelo amor.

Longe de dissimular este sentimento, elle era a seus olhos um titulo de gloria; era uma paixão impetuosa, irresistivel, que se aproximava do delirio, e que cousa alguma suspendia os seus impulsos, porque nenhuma affeição alterava esta, nascida tão pura e immaterial na sua alma angelica.

Não se lembrava de deixar o lugar de onde havia visto Sergio esconder-se no horizonte, quando um grito bem conhecido chamou a sua attenção. Alexandra voltou a cabeça e viu Jourôdivoi proximo a si.

— Os papeis! disse ella não pensando mais do que em pagar o preço do seu ajuste com o conde.

O bobo respondeu com um riso de ironia.

— Elles me são necessarios! continuou a donzella; acaso não os trouxestes?

— Oh! que vens tu fazer aqui a esta hora? disse o anão sempre sorrindo.

— Porque me fazes essa pergunta?

O seu riso tomou um accento sinistro.

— Tu queres entregal-os a teu nobre irmão !...

— Jourôdivoi, disse a donzella desviando os olhos, como se o anão pudesse distinguir a sua confusão ; é verdade, trahi os nossos ajustes, a nossa vingança... mas tu não continuarás a soffrer ; ao menos reparei as minhas injustiças para contigo... e... o meu dote, parte da minha fortuna, tudo te darei... mas, eu prometto...

O bobo soltou uma nova gargalhada nervosa e sarcastica.

— Estás satisfeita, minha generosa irmã !.. mas adverte que eu nada prometti !... estes papeis encerram a minha rehabilitação de creatura humana ! a compensação do passado, a felicidade do futuro !... Tu queres entregal-os a teu irmão !.. mas eu guardo-os ! Tu salvaste teu amante, eu salvo-me a mim mesmo.

Em vão buscava a donzella triumphar desta resistencia, quando um auxiliar, que não se esperava, appareceu de improviso, e precipitando-se sobre o anão, lançou-o por terro, e lhe arrebatou sem difficuldade os preciosos papeis.

O recémchegado era o proprio conde. Tomado de raiva e anxiedade, andava pelo castello procurando sua irmã, arrependido já de ter dado a liberdade a Sergio, antes de ter recebido os titulos terriveis que o ameaçavam.

Contra o seu costume, Jourôdivoi, a quem a apparencia de um pequeno perigo fazia soltar gritos selvagens, não tinha proferido uma unica palavra; e apenas o boyardo se apossou do masso que o abbade lhe tinha entregado, tomou a forma de uma bola e deixou-se rolar pelo terreno desaparecendo ao longo das muralhas.

— Que o persigam, que o busquem, que o tragam morto ou vivo!... exclamou o conde na maior desesperação.

Immediatamente grande numero de servos e de soldados o perseguiram, buscando todo o castello e percorrendo os pateos com archotes. A grade de ferro da entrada estava fechada; mas nós temos visto que semelhantes obstaculos não embarassavam esta singular creatura. Com a maior facilidade subiu por uma palissada, e correu para a aldeia, a quem uma nova escalada facilitou a entrada.

A casa de Anna Yvanowa era uma das

primeiras da rua. Abriu a porta sem a chamar e entrou na unica casa de que se compunha. Parecia que a velha o esperava; depois da noite fatal em que havia sacrificado os seus pequenos netos, não tinha gosado um minuto de socego; suas palpebras inchadas e vermelhas não se podiam fechar para o repouso. Neste momento, assentada junto de uma meza, lia a biblia no lugar em que o propheta excita o povo de Deus contra as idolatras. Estas palavras ardentes causavam uma acerba satisfação ás suas afflicções.

O bobo viera directamente a sua casa, porque sabia que havia encontrar uma auxiliar que o não entregaria ao seu inimigo.

— Aprompta-te! disse o anão respondendo ao seu olhar interrogador. E' preciso fugir, ou tudo está perdido.

— Então o que aconteceu?

— Alexandra trahiu-nos!... Confessou tudo ao conde; o qual já me persegue e em breve vai chegar aqui. Depressa, partamos!...

— Mas a esta hora?... como?... aonde iremos?...

— O trenó e os cavallos que voltaram da cidade, estão demorados em lugar seguro,

em casa de Panowitch, o lenheiro... os cavallos estão descansados, nós os rebentaremos se necessario for; o trenó está munido de armas; Panowitch fará frente aos lobos, pagando-se bem elle nos conduzirá. Ao nascer do dia estaremos em Ekaterinoslaw, e amanhã á tarde teremos talvez punido o usurpador do meu titulo, e assassino de Isabel !...

— Isabel !... repetiu a infeliz mãe soltando um suspiro... vamos...

E saiu precedendo o anão.

Agora permittir-nos-ha o leitor que cedamos a palavra a um historiador, homem conscienciosamente informado dos acontecimentos e dos detalhes da conspiração que rebentou nos primeiros dias do reinado de Nicolau I, na qual o conde Bestoujew estava comprometido.

« O processo dos conjurados, diz P. Lacroix na sua obra sobre a Russia, durou seis

« mezes; seis mezes de angustias e de borro-
 « rosa inquietação para as familias que conta-
 « vam alguns de seus parentes entre os cri-
 « minosos. Aqui mostrou o imperador Nicolau
 « o seu verdadeiro character; vimos encarrégar-
 « se elle mesmo do papel de juiz, fazer com-
 « parecer os accusados na sua presença, inter-
 « rogal-os, e empregar todos os meios de que
 « usa o procurador do rei, e que a tortura em
 « taes casos substitue tão vantajosamente. De-
 « pois de seis mezes, esperava-se que mais so-
 « cegado esquecesse generosamente a tentativa
 « de seus inimigos politicos, que julgasse com
 « moderação, e quizesse dar o exemplo de uma
 « habil magnanimidade. Mas o espirito de vin-
 « gança fallava mais alto em seu coração pa-
 « ra dar logar á disposição da benevolencia.

« A sentença foi publicada em julho de
 « 1826 (a conspiração tinha sido feita em 14
 « de dezembro de 1825) e o senado tomou a
 « sua responsabilidade. De cento e vinte e um
 « accusados, trinta e seis foram condemnados
 « á morte, a maior parte dos outros aos tra-
 « balhos forçados temporariamente, ou por toda
 « a vida, com a perda dos seus titulos de no-
 « breza, e a exilio perpetuo para a Siberia; al-

« guns a servir como soldados nas guarnições
 « mais affastadas. Cinco foram condemnados
 « a ser esquartejados! Entre os seus nomes
 « o historiador cita o de Bestaujew, depois
 « continua :

« Eis como a sentença foi modificada pela
 « clemente vontade do imperador ; os cinco
 « culpados condemnados a ser esquartejados
 « obtiveram o alto favor de serem simplesmen-
 « te enforcados. Trinta e um condemnados da
 « primeira cathegoria que devam ter a cabeça
 « cortada, foram enviados aos trabalhos for-
 « çados perpetuamente, depeio de terem sido
 « primeiramente desapossados das suas fortu-
 « nas. Aquelles que incorreram na morte civil,
 « por um requinte de barbaridade que não
 « temos ideia, perderam até os seus nomes.
 « Perder até o seu nome ! esta abolição com-
 « pleta do homem não tem alguma cousa de
 « espantoso ?

« Nem mesmo pouparam as mulheres.

« A vingança do imperador perseguuiu os
 « seus inimigos até no tumulo. Foi declarado
 « na sentença que em quanto aos insurgentes
 « mortos em Oustinosfha, se collocaria sobre as
 « suas sepulturas, não uma cruz ou outro qual-

« quer signal de piedade christã, mas a força
« contendo os seus nomes... »

O fragmento que se acaba de ler, esclarecendo a nossa narração, tem feito conhecer ao leitor, qual foi o fim, sem dõvida merecido, mas horroroso do personagem que representou um papel tão criminoso n'esta historia.

Não obstante todas as cautellas, Bestoujew não tinha podido subtrahir-se às investigações que lhe tinham sido feitas, com uma presistencia, uma segurança, que indicava bem um accusador intelligente, baseado sobre o conhecimento preciso de suas menores acções, e de quem não sentia a menor piedade.

Cereado com os seus cúmplices no seu castello, por um destacamento de tropas imperiaes, conheceu então a força dos ferros e as torturas do chicote sanguinolento de que tinha abusado.

Com a cabeça raspada como havia feito a Kahovski, despojado do seu rico vestuario, para vestir a grosseira tunica dos prezoneiros, poz-se a caminho a pé, sobre a neve, no meio do comboio para a capital. Era preciso cami-

nbar, caminhar sempre, e quando quebrado pelo soffrimento, cansado pelo mau tratamento, cahia sobre o gelo de que a estrada estava coberta, era a golpes de vara e de chicote, que um disforme Kalmouck o obrigava a levantar-se.

Comtudo um supplicio mais cruel o esperava ainda, antes que o patibulo pozesse fim aos seus tormentos. Seguindo o uso dos criminosos vulgares, começou por negar tudo aquillo de que o accusavam, sobre a sua cumplicidade na conspiração. Em quanto á posse do seu titulo de conde, era, junto aos interesses politicos um jogo, um negocio de tão pequena importancia, que se achava addiado n'esta occasião. Seria curioso o ver discutir a legitimidade da fortuna de um homem, que ia ser esquartejado, ou pelo menos pendurado na forca.

Quando chegou a sua vez, foi conduzido diante do czar, para responder a um desses interrogatorios de que fallamos; persistiu em negar tudo, e como Nicolau o apertava com perguntas, exclamou porfim fingindo indignar-se.

— Mas então, quem é que me ousa accusar?

— Para crimes como o teu, replicou o czar não ha precisão de provas, é bastante a suspeita... entretanto eu derogarei para contigo o uso commum; vou mostrar-te os teus accusadores.

A um signal do imperador, a porta se abriu repentinamente, e Bestoujew espavorido viu avançar como dois demonios Anna Yvachova e Jourôdivoi.

Dominado pela raiva, comprehendendo a profundidade do abysmo, esqueceu a presença temivel do autocrata, e ameaçando ainda as suas victimas, exclamou :

— Miseraveis, pois sois vós !...

Mas a expressão sinistra gravada no rosto da velha, a ironia cruel que apresentavam as feições do bobo... de seu irmão ! o fizeram tomar de uma vertigem que não o deixou acabar.

Anna estendeu os braços descarnados, semelhantes aos de um espectro.

— Lembra-te de Isabel !... lhe disse ella.

O conde recuou como se lhe apparecesse o cadaver de sua victima.

— Tens alguma cousa a dizer para tua justificação ?... perguntou o czar.

Bestojew curvou a cabeça anniquilado.

O serviço prestado por Jourodivoi e por Anna, era d'aquelles que na Russia jamais se esquecem. O bobo obteve com facilidade a posse do titulo e a fortuna de seu irmão.

A Anna Yvanowa foi-lhe offerecida uma recompensa de mil rublos, mas a ella parecia-lhe que tocar n'este dinheiro, era receber o sangue de sua filha!... demais não tinha necessidade d'elle — só a morte podia pôr fim aos seus tormentos; bem depressa esta se aproximou, um sorriso terrivel errava sobre seus labios no instante supremo, e as ultimas palavras que pronunciou foi o nome de sua filha e o da vingança.

O reconhecimento do czar ia mais longe ainda, porque a sua minuciosa inquerição o tinha iniciado em todas as circumstancias que haviam feito perder a conspiração. Sergio não foi esquecido. Nas montanhas aonde estava exilado voluntariamente, um mensageiro o foi procurar, off-recendo-lhe a sua liberdade, e alem disto dignidades e uma fortuna tirada dos dominios dos conjurados.

O valente mancebo recusou sem hesitar, escrevendo a seguinte carta a Alexandra.

« Eu recuso essa recompensa, porque não
« a mereço; não foi pelo imperador que ex-
« puz a minha vida, o imperador nada me
« deve. Em quanto a voltar para a Russia, ahí
« bastante tenho soffrido, e as suas leis orgu-
« lhosas me fariam soffrer ainda.... O ar do
« Caucaso, seus perigos, suas aventuras, e sua
« liberdade, é do que necessito, pois aqui sa-
« berá gosar o meu pensamento a recordação
« da minha felicidade. »

Um mez depois recebia a resposta. Era curta e simples, como tudo o que nasce do coração.

« Tu não queres voltar para a Russia,
« lhe dizia Alexandra; pois bem! eu irei ao
« Caucaso. »

E em quanto o anão vermelho tomava o titulo de conde, Alexandra renunciava sem pezar os seus titulos, a sua fortuna, a sua existencia de luxo e de honras, para se tornar a esposa de um simples aventureiro.

INDICE

Uma noite de dezembro	5
Á cêa dos boyardos.....	20
A sedicção.....	33
A revolta.....	50
Revelação	64
A justiça do czar	77